

UMA UNIVERSIDADE PODE SER AMIGA DA AMAMENTAÇÃO?

Taís Fontoura de Almeida¹, Ana Paula Vioto Ferraz², Layna C. Louback³, Marcus Renato de Carvalho⁴

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, taisfalmeida@macae.ufrj.br

² Coordenadoria de Programas de Alimentação e Nutrição de Piracicaba, São Paulo, aleitamentopiracicaba@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, laynalouback@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, marcus@aleitamento.com

Propósito

Há várias iniciativas nacionais e internacionais que promovem, apoiam e protegem o aleitamento fornecendo o alicerce para que crianças amamentadas e pessoas que amamentam tenham maior garantia do estabelecimento e manutenção da amamentação. Podemos citar a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), a Unidade Básica Amiga da Amamentação (IUBAAM); o Consultório, a Creche e a Farmácia Amiga da Amamentação. Diante de iniciativas atuais, o objetivo deste trabalho é propor critérios para que uma Universidade possa ser considerada Amiga da Amamentação.

Revisão da literatura

O aleitamento proporciona diversos benefícios, não só para as crianças, mas para as mulheres, o ambiente e a sociedade. Entretanto, amamentar apresenta desafios para as mães, que com a falta de apoio, tem grande dificuldade para sua continuidade.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estipulados pela Organização das Nações Unidas (ONU), são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. A amamentação exclusiva e prolongada está relacionada ao alcance de vários ODS acordados pelos países.

Estudos mostram que a manutenção do aleitamento está diretamente relacionada a programas de apoio à lactação. Um local de trabalho favorável à amamentação tem sido

positivamente relacionado à continuação da amamentação após o retorno ao trabalho nas universidades. As mulheres que têm acesso a seus filhos para amamentá-los durante a jornada de trabalho amamentam mais do que outras mães¹.

O apoio abrangente ao aleitamento que desmonta barreiras institucionais, políticas, comunitárias, interpessoais e individuais está ao alcance de muitas universidades em outros países, através de uma abordagem colaborativa de saúde pública². A criação de um ambiente de apoio à amamentação nas universidades pode ter um impacto significativo na saúde da população, na continuação da alimentação com leite humano e, por sua vez, no apoio à saúde pós-parto das lactantes, garantindo também o desenvolvimento infantil saudável². As mães lactantes são uma população pouco priorizada nas universidades e enfrentam barreiras significativas na continuação do aleitamento quando regressam ao campus^{2,4}. Essas lacunas têm sido percebidas em algumas universidades que estão buscando aprimorar-se com relação ao aleitamento.

Uma estratégia é a implantação de Salas de Apoio à Amamentação (SAA). Das salas existentes no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, poucas estão vinculadas às Universidades. As SAA têm o objetivo de assegurar, às servidoras e discentes, o direito de continuarem amamentando após o período de licença maternidade, em um espaço privativo e confortável, além de ser um local estruturado para que as mulheres que desejem, possam retirar o leite e deixá-lo temporariamente armazenado até que saiam da instituição e possam levá-lo, garantindo assim a manutenção do aleitamento. Podemos citar as SAA da Faculdade de Nutrição Emília de Jesus Ferreiro, iniciativa do Ambulatório Nutricional e Integrativo à Maternidade (Anima) da Universidade Federal Fluminense (UFF), a da Universidade Federal de Lavras (UFLA), a da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a da Universidade de São Paulo (FDUSP) e a do Centro Ana Abrão, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Além da SAA existente, vale destacar que a UFPE conta com o Projeto de extensão Amamentar (ProAma), do Departamento de Anatomia, que produziu uma cartilha sobre “Amamentação e volta às atividades” e oferece uma disciplina eletiva sobre aleitamento⁵. Particularmente no Rio de Janeiro, podemos citar exemplos bem sucedidos de outras abordagens inovadoras (*podcasts*, disciplinas específicas, projetos de extensão e mini-cursos)

desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos da Saúde e da Alimentação Materna e da Mulher (NESAM) e o Grupo de Estudos em Reprodução e Nascimento (Germinar), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé.

A UNICEF/UK, por exemplo, conta com uma iniciativa na qual as universidades são estimuladas para que seus cursos de formação de parteiras, obstetrites, enfermeiros obstetras cumpram tópicos de aprendizagem em cinco grandes áreas relacionadas à amamentação (compreensão da amamentação; apoio às mães na amamentação; proximidade e relação de confiança; resolução de problemas e intercorrências mais comuns; e comunicação) garantindo que esses profissionais estejam preparados com os conhecimentos e competências básicos necessários para apoiar eficazmente a alimentação infantil e a construção de vínculos³. No entanto, apesar de denominarem como “Iniciativa Universidade Amiga da Criança”, o credenciamento é concedido ao curso e não a universidade em si.

Todas as ações e atividades levantadas, e outras tantas que acontecem com o mesmo propósito que não foram citadas aqui, são valiosas, e nota-se um esforço crescente na tentativa de apoiar a continuidade ao aleitamento após o retorno às atividades. Porém, tais iniciativas, por se tratarem de ações isoladas, apresentam limitações diante da complexidade da amamentação e não abrangem todas as esferas necessárias para que o direito de amamentar se concretize. Assim, acredita-se que propor um conjunto de ações a serem adotadas por uma universidade para que ela seja considerada Amiga da Amamentação garantirá de maneira efetiva a manutenção do aleitamento nesse contexto.

Procedimentos metodológicos

Foi realizado levantamento bibliográfico e considerada a realidade brasileira (que envolve discentes, servidores e terceirizados) com objetivo de fundamentar critérios de elegibilidade para uma Universidade Amiga da Amamentação.

Resultados

Diante do exposto e, tendo em vista outras iniciativas existentes, como a própria IHAC, IUBAAM, que propõem mais de um critério a ser seguido para ser considerado “Amigo da

Amamentação”, sugerimos os seguintes critérios para que uma Universidade possa ser classificada Amiga da Amamentação:

1. Ter uma política registrada de promoção, proteção e apoio ao aleitamento, que seja de conhecimento de todos e criar um grupo de trabalho interdisciplinar para implementá-la;
2. Oferecer disciplinas que abordem o conteúdo sobre aleitamento na formação dos discentes que façam parte de graduações da área da saúde como obrigatórias e/ou eletivas em outras áreas que façam interface com a questão do aleitamento;
3. Promover atividades semestrais (palestras, oficinas etc) para capacitação básica sobre aleitamento;
4. Fomentar projetos de extensão e/ou pesquisa voltados para a temática de aleitamento;
5. Possuir espaços reservados para amamentação/Sala de Apoio à Amamentação;
6. Contar com um espaço para cuidado dos bebês enquanto os responsáveis estão na instituição;
7. Garantir o cumprimento de licença maternidade compatível com o período de aleitamento exclusivo, recomendado pela OMS;
8. Garantir licença paternidade ampliada compatível, pelo menos, com o Marco Legal da 1ª Infância;
9. Reconsiderar prazo maior para conclusão de cursos para discentes mães;
10. Capacitar a Ouvidoria da Universidade para acolher demandas relacionadas à amamentação e tentar resolvê-las.

Implicações da pesquisa

Consideramos esses critérios como essenciais, podendo outros serem agregados para complementar de acordo com a realidade de cada universidade. Estamos abertos a críticas e sugestões para que esses requisitos sejam os mais úteis possíveis para a saúde da criança e da pessoa que amamenta, ampliando as políticas públicas universitárias voltadas a garantir o direito ao aleitamento e a alimentação complementar saudável. Acreditamos que apenas com um conjunto robusto de critérios, como o sugerido neste projeto, teremos condições mais favoráveis para a garantia da manutenção do aleitamento nas universidades, o que, em última instância, promoverá mais saúde para o binômio lactante-lactente.

REFERÊNCIAS

- 1 LEON-LARIOS, F; PINERO-PINTO, E.; ARNEDILLO-SANCHEZ, S; RUIZ-FERRON, C; CASADO-MEJIA, R; BENITEZ-LUGO, M. (2019). Female employees' perception of breastfeeding-friendly support in a public university in Spain. *Public Health Nursing*, 36(3), 370–378. doi: 10.1111/phn.12590.
- 2 DINOUR, L. M.; PAPA, G. A.; BAI, Y.K. (2014). Breast milk pumping beliefs, supports, and barriers on a university campus. *Journal Of Human Lactation: official journal of International Lactation Consultant Association*, 31(1), 156–165. doi: 10.1177/0890334414557522.
- 3 UNICEF. (2019). *Guide to the UNICEF uk baby friendly initiative university standard. Reino Unido*. Disponível em: <<https://www.unicef.org.uk/babyfriendly/baby-friendly-resources/implementing-standards-resources/university-guide-to-the-standards/>>. Acesso em: 16 nov.2023.
- 4 CARVALHO M. R.; GOMES, C. (2016). *Amamentação Bases Científicas*. (4ª.ed., 509-532). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.
- 5 *Projeto Amamentar (ProAma) do Departamento de Anatomia da UFPE disponibiliza cartilha gratuita sobre “Amamentação e volta às atividades”*. (2023). Recife, PE. Disponível em: <https://www.ufpe.br/inicio/-/asset_publisher/dlhi8nsrz4hK/content/id/4884418>. Acesso em: 2 mai.2024.